

EDITORIAL

A finalização do processo editorial de uma revista é sempre momento de comemorar muito trabalho. Nesta edição, contamos com subsídios significativos sobre a educação, foco da revista, que contribuem para que as salas de aula continuem se transformando, proporcionando aos educadores e aos estudantes uma visão de mundo mais ampla e um instrumental de reflexão repleto de novas possibilidades.

A avaliação da maneira pela qual se desenvolvem as atividades lúdicas em uma escola de educação infantil foi o desafio central da pesquisa desenvolvida por Flávia Fernandes dos Reis e Myrtes Dias da Cunha. As pesquisadoras objetivaram identificar e descrever os espaços educativos da escola, focando os alunos da Educação Infantil, a organização das professoras regentes e o uso dos espaços pelas crianças. Nesta perspectiva, o diálogo com o lúdico, enquanto componente do processo de aprendizagem, foi fundamental, na medida em que tal componente se constitui como importante instrumento analítico, que possibilita desvendar o cotidiano da sala de aula.

Ao longo de um ano letivo, as pesquisadoras analisaram a estrutura física da escola e as situações de aprendizagem construídas, tempo em que tiveram contato direto com o trabalho feito por três professoras do 1º período e com dezoito crianças, sendo dez meninos e oito meninas, com idades de 4 e 5 anos.

Metodologicamente, a dupla optou por observações participantes em diferentes lugares e momentos e produziu notas de campo que permitiram apreender as dinâmicas dos diferentes espaços da escola para além da sala de aula propriamente dita. Esses espaços também contemplaram as dinâmicas ocorridas na brinquedoteca, no parque, no tanque de areia, na ducha, nos momentos de lanche, nas preparações, nos ensaios e nas apresentações, na sala de vídeo e ao longo dos momentos em que se contaram histórias.

Ao analisar o espaço físico e a arquitetura da instituição escolar, as pesquisadoras apontaram para sua adequada qualidade, respectivas limitações e discutiram as relações de poder, mesmo as ocultas, que a escola cria. Além disso, também consideraram as respostas dos educandos frente a tais barreiras, (re)inventando cotidianamente esses espaços, neles mesclando criatividade e aprendizagem.

Uma conclusão possível foi a da existência de brechas para a criatividade, valorizando a aprendizagem dos estudantes que, em parceria com a adequada administração dos conflitos por parte das educadoras, permitiu que as particularidades, a espontaneidade e os desejos dos alunos não fossem massacrados por uma rigidez excessiva.

A partir do exposto, Reis e Cunha concluem que na Educação Infantil da escola analisada a busca pelo lúdico como aliado do processo de ensino e de aprendizagem tem espaço e que o transcender da imaginação e o experimentar de situações encontraram segurança para acontecer, respeitando a liberdade dos alunos.

A preocupação com os elevados índices de suicídio nas aldeias localizadas em Dourados, no Mato Grosso do Sul, foi o foco de Munia Ali Zahra, que analisou as relações entre os povos indígenas locais com a sociedade, tendo como objeto de análise os meios de comunicação locais e os discursos dos grupos envolvidos.

A imagem negativa sobre as sociedades nativas, criada e perpetuada, permitiu a construção de uma imagem do nativo como um obstáculo à produção de riquezas para o território nacional, dificultando que ações efetivas garantissem a proteção de sua cultura, de seu modo de vida, da sua dignidade e de sua propriedade.

Realizando um resgate histórico do contato dos nativos, desde a chegada dos portugueses, passando pelo processo de colonização, até chegar aos dias atuais, a autora chama a atenção para a perda da autonomia político-cultural dessas sociedades, ressaltando o fato de que o expressivo número de indivíduos e a extensa área ocupada não são elementos suficientes para que o Estado, ao longo do tempo, os reconhecesse - ou os incluísse - como cidadãos e sujeitos sociais pertencentes ao lugar.

Os fatores anteriormente citados, associados à escassez dos recursos naturais e à proximidade da cultura urbana e da miséria, conduziram a área para uma situação complicada com a emergência de inúmeros problemas a partir da década de 1990, dentre eles o elevado número de suicídio indígena, que totaliza 34 por mil, número muito superior à média nacional de 4,5 por mil.

Ao analisar o conteúdo que circula na mídia local, a autora aponta que o espaço para os nativos apresentarem seus argumentos sobre os fatos é reduzido. Tal situação minimiza a corresponsabilidade da sociedade na produção da miséria e evita constrangimento dos leitores, perpetuando, em certa medida, a visão preconceituosa sobre essa parcela da sociedade e o descaso do poder público com relação ao que vem acontecendo.

Versão contada pelos vencedores, os dominadores, que negaram aos nativos o direito à própria narrativa histórica, deles excluindo este papel, contribuíram, dentre outros tantos prejuízos humanos e étnicos, para a ampliação dos casos de suicídio indígena.

Márcia Maria de Oliveira Abreu investigou as relações discentes com a escrita e os desafios contemporâneos à docência nas séries iniciais. Seu objetivo foi o de investigar as transformações conceituais e metodológicas dos docentes ocorridas em decorrência da implementação do Ensino Fundamental de nove anos.

Por meio de uma abordagem qualitativa, a autora observou e pesquisou a relação do educando com a leitura e a escrita em três turmas das séries iniciais, em uma escola da rede municipal de ensino, considerando as falas dos sujeitos colaboradores, e em estudos teóricos acerca do tema. As práticas, as concepções, os olhares e a forma como o educando se relaciona com os processos de alfabetização e letramento foram reveladas ao longo do trabalho.

Com relação ao fato de a escola pública na contemporaneidade receber muitos estudantes que tendem a um restrito contato com a escrita, e com pequena participação em eventos de letramento, eles mantêm uma relação reduzida e pouco complexa com os processos de letramento (escolar, familiar, da mídia e da informática), sendo excluídos da expectativa de amplo domínio da leitura e da escrita.

Cabe à escola, na perspectiva da autora, ser o lugar de acesso a vivências de leitura, escrita e letramento, reforçando a importância desses processos na construção de sentidos para os alunos em formação, sendo a apropriação entendida como prática cotidiana, consequência dos ecos do aprender no sujeito.

Chamando atenção para o fato de que o relacionamento estabelecido com a escrita deve estar diretamente vinculado ao ato de conhecê-la e dela fazer uso, Márcia Abreu afirma que a escrita deve ir além das vivências e expectativas dos estudantes e agregar novas possibilidades de construção de saberes, o que atribui sentido ao processo, tornando-o significativo.

Com relação às escolhas sobre as leituras a serem realizadas e ao acesso dos alunos a textos escritos fora do contexto escolar, os materiais diretamente ligados à escola foram apontados como aqueles amplamente utilizados para leitura, tais como as histórias em quadrinhos, as cartilhas doadas pela escola, os livros dos irmãos mais velhos e os contos de fada. Jornais e revistas também foram citados como textos escritos. A autora conclui que a escola tem um papel importante, às vezes único, na tarefa de oportunizar o acesso aos materiais escritos, configurando-se como ambiente propício de desenvolvimento da alfabetização e do letramento.

O aumento em um ano na escolarização obrigatória constitui-se como fator relevante para o desenvolvimento dos processos de alfabetização e letramento para a maioria das crianças, por estimular a leitura e a escrita e constituir-se como um momento oportuno de desenvolvimento de todo o processo de maneira significativa e rico em descobertas para os alunos e para os professores, demandando novas maneiras de ensinar e a necessidade, inclusive, de se refletir sobre os currículos escolares e adequá-los às exigências dos alunos.

Laís Castro Agranito, Priscila Gervásio Teixeira e Eliane Elias Ferreira dos Santos se debruçaram sobre a crescente utilização das tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC) como um

subsídio às práticas pedagógicas, para além do seu uso no entretenimento, na saúde e na economia, dentre outros setores da sociedade.

Em sua análise, as autoras relataram atividades realizadas em contexto escolar, na modalidade UCA (Um Computador por Aluno), realizadas com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, e enfatizaram a formação e a metodologia utilizadas pelos envolvidos no processo de alfabetização e letramento.

Após resgatar a história de constituição da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU), onde a pesquisa foi desenvolvida, as autoras relatam que o uso intensivo dos computadores e da internet começou a ocorrer a partir de 2004 e que, em 2011, tal uso foi intensificado com a participação da escola no Programa Um Computador por Aluno (PROUCA), do governo federal, momento em que mais de 700 *laptops* foram entregues.

Em fevereiro de 2011, a formação dos educadores para o uso dessa ferramenta foi iniciado em módulos, com o objetivo de lhes dar uma perspectiva global das potencialidades do computador e de seus aplicativos. Além da familiarização com a máquina e com seu *software*, foram discutidas a segurança na internet e os papéis de pais/responsáveis e educadores no processo de acompanhamento do trabalho e construídos *blogs*, com o objetivo de experienciar as novas possibilidades.

Nas salas de aula do 1º ano do ensino fundamental da Eseba/UFU, o trabalho das crianças de 6 e 7 anos em processo de decodificação dos signos linguísticos e de conhecimento dos símbolos e dos sons que as letras representam foi analisado, sendo o computador a ferramenta utilizada como mais um local para registro, além do caderno. A pesquisa, a busca por informações e a cooperação entre os alunos ressignificaram o papel dos educadores e tornaram o ambiente escolar mais atrativo.

As autoras consideram o erro no desenvolvimento das etapas como importante momento de aprendizagem, por requerer planejamento consistente e um trabalho fundado no pensamento reflexivo e na resolução de situações problemas, que valorizam o processo mental do aluno, e visam ao alcance de patamares cada vez mais amplos de aprendizagens. Neste sentido, descrevem e refletem sobre várias possibilidades de uso do computador no ambiente da sala de aula (programas *Tux Typing*, *Tux Paint*, *Wxcam* e *Kword*, jogos “alvo de letras” e “autoditado”, navegador de internet, jogos *online*, vídeos, documentários, músicas, trabalhos temáticos, dentre outros) e analisam como a utilização dessas ferramentas pode contribuir na ressignificação do processo de alfabetização e letramento dos estudantes.

Por fim, destacam as diferenças entre as crianças, no que diz respeito ao tempo necessário para processar uma informação e realizar uma tarefa, e como o trabalho com o Um Computador por Aluno pode auxiliar as educadoras na tarefa de mediar e respeitar o tempo necessário para que cada estudante conclua a

sua proposta. Enfim, essa metodologia possibilita a aproximação entre escola, conteúdos escolares e estudantes.

O foco de análise do artigo apresentado por Olenir Maria Mendes foi o de compreender e acompanhar o estágio de aprendizagem em que encontravam as(os) professoras(es) cursistas do I Curso de Especialização em Geografia para Docentes das séries iniciais do ensino fundamental, oferecido pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, para orientar e intervir no desenvolvimento educacional de cada um(a), construindo e aplicando propostas de atividades pedagógicas resultantes dos estudos teórico-práticos desenvolvidos na disciplina Encontros de Acompanhamento de Aprendizagem.

O projeto em questão foi construído coletivamente por professoras e professores envolvidos que trabalham com formação docente e o curso ocorreu de forma presencial, momento em que aconteceram aulas dialogadas, que discutiram as práticas das(os) professoras(es). Ao longo do curso, foram realizados trabalhos de campo integrados, bem como a organização e a construção de materiais didáticos. Uma proposta coerente de avaliação também foi construída, respeitando e questionando a proposição de avaliação quantitativa. Assim, o curso buscou agregar ao quantitativo, aspectos qualitativos tais como autoavaliação e autorregulação dos estudantes, processo de avaliação que se embasou em leitura sistemática sobre o assunto e a realidade existente, visando a uma tomada de consciência acerca da situação e do alcance das aprendizagens significativas, chamadas aprendizagens profundas, reflexivas, com compreensão, construídas ativamente pelos(as) professores(as) e autorreguladas.

Algumas questões estruturadoras foram colocadas para o grupo (Para que se avalia? Para incluir ou para excluir? Para emancipar ou para controlar? Para transformar ou para manter?) com o objetivo de analisar os papéis dos professores e dos estudantes no mundo de hoje. Assim, em mais um artigo, na presente publicação, o erro foi debatido e considerado como parte do processo de ensino e de aprendizagem, possibilitando investigar e compreender as lógicas que perpassam o pensamento dos estudantes no processo de construção de saberes.

Outra consideração da autora é no sentido de refletir sobre a acomodação da prática pedagógica existente e sobre a resistência por parte dos educadores às novas experiências em educação, sempre tendo como referência maior a avaliação e a necessidade em se desvendar ideologias a ela associadas, para superá-las, diminuindo a peso da exclusão em sua aplicação e (re)significando os complexos processos de ensinar, de aprender e de avaliar.

Tendo como horizonte a perspectiva da avaliação como inclusiva, portanto formativa, o rompimento com a lógica capitalista de competição e individualidade é colocada em relevo e a incompletude do atual processo de avaliação é questionada.

Com vistas a romper com a avaliação como produto, novas questões sobre a concepção de uma escola sem retenção, sobre a métrica envolvida no processo avaliativo e sobre a perspectiva qualitativa e formativa do processo de avaliação, a ruptura com a lógica (im)posta e a busca por novos princípios de prática educativa se apresentaram e remeteram o grupo à constante negociação, ao envolvimento e ao respeito aos processos cognitivos, sociais e culturais.

Em encontros sistemáticos, a compreensão e o acompanhamento do estágio de aprendizagem dos professores(as) cursistas, a orientação e a intervenção no desenvolvimento educacional e a construção e aplicação de propostas pedagógicas resultantes dos estudos realizados foi a metodologia adotada.

O relato de experiências da psicologia escolar, publicado por Lucianna Ribeiro Lima, Liliane dos Guimarães Alvim Nunes Araújo, Klênio Antônio Sousa e Cláudia Silva de Souza, discute a atuação da psicologia escolar com as outras áreas de conhecimento na escola e apresenta os espaços de constituição das relações entre as famílias e a instituição escolar, abordando os desafios da educação na sociedade atual e refletindo sobre aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças e dos adolescentes.

O grupo de pesquisadores chama a atenção para a necessidade de mudanças na forma como é desenvolvido o trabalho pedagógico com o fim de proporcionar efetiva participação das famílias no desenvolvimento e na aprendizagem dos estudantes, com maior envolvimento destes no ambiente escolar, nas contribuições para a (re)elaboração do projeto político e pedagógico da escola e nas mudanças da rotina familiar.

Para os autores, os espaços de diálogos entre os psicólogos escolares e a comunidade escolar devem lidar com as novas configurações familiares e ouvir as vozes de todos os sujeitos sociais envolvidos, constituindo-se como condição necessária para a efetivação da proposta, a fim de atender às expectativas de uma formação reflexiva, interativa, criativa e dinâmica.

Ao discutir e discorrer sobre as famílias, sobre os professores e sobre a instituição escolar, o grupo de pesquisadores levanta questões relacionadas às expectativas e debate sobre as insatisfações e o distanciamento consequentes dos conflitos oriundos da gestão do processo, valorizando o debate como possibilidade de resgate da educação, enquanto construção social e lugar possível de acolhida, amparo e promoção de reflexões significativas. Essa estratégia auxilia na revisão de concepções e concretiza-se como possibilidade para que novas posturas sejam assumidas, contribuindo para a formação consistente dos estudantes.

Considerando os atendimentos a pais, as reflexões sobre o desempenho acadêmico, os momentos de busca de estratégias para o favorecimento da construção de saberes e as reuniões trimestrais coletivas e de orientações para pais como os espaços proporcionados pela escola para o debate, os autores ressaltam o apoio dos psicólogos escolares ao processo de ensino-aprendizagem como importante, pois, por meio de

atendimento e da orientação psicoeducacional, esses profissionais lidam com questões afetivo-emocionais e de organização familiar envolvendo a escolarização.

Para isso, essa equipe de psicólogos mantém grupos de reflexão para pais, como o “Projeto acolher: grupos reflexivos como instrumento de diálogo com famílias na educação infantil” e o “Projeto integrar: estreitando as relações família-escola”.

O diálogo contínuo com as famílias, proporcionado pela atuação do grupo de psicólogos escolares, constitui-se como um dos principais pilares do processo educacional por favorecer a construção e o fortalecimento das relações, garantindo maior fluidez no espaço escolar, apontando caminhos para uma melhor qualidade do ensino e da aprendizagem e contemplando diversidade de ideias, valores e realidades.

O segundo relato de experiências, elaborado por Clarice Carolina Ortiz de Camargo, Márcia Martins de Oliveira Abreu e Mariane Éllen Silva, considerou o caderno de memórias desenvolvido ao longo dos três primeiros anos do ensino fundamental como possibilidade para discutir os registros discentes no desenvolvimento dos processos de alfabetização e letramento dos alunos.

Após resgatar o processo de construção da metodologia em tela e de descrever como a lida com o caderno ocorre, as autoras chamam a atenção para a estratégia de se usar o caderno de memórias como uma forma significativa de lidar com a produção escrita e com a leitura do grupo de alunos e contar com um membro da família como escriba, nos momentos iniciais do processo.

A importância desse trabalho é significativa tanto para a autonomia do aluno, quanto para o desenvolvimento de sua criatividade na escrita, para a aquisição do código escrito, para o registro sobre o vivido e para a leitura compartilhada. Ele também favorece a emergência das subjetividades e da heterogeneidade dos membros e possibilita a sistematização da lida diária com os registros, as lembranças, os sentimentos e os pensamentos.

As questões que surgiram ao longo do trabalho, tais como a eleição da atividade que os estudantes mais gostaram, as sensações temporais e emocionais relacionadas com o tempo de cada aula e momento da vida escolar e o lidar com as atividades que causam desconforto foram momentos importantes de intervenção e auxiliaram os alunos no desenvolvimento das competências escritoras, proporcionando-lhes apropriação efetiva da linguagem escrita.

A primeira galeria dessa Revista denominada “Máscaras ritualísticas: criação imaginária”, elaborada por Mara Rúbia Colli, no Colégio Nacional de Uberlândia, apresenta o processo artístico de ensino e aprendizagem desenvolvido com alunos do 8º ano do ensino fundamental.

O trabalho, exposto no espaço escolar, objetivou evidenciar o processo de criação imaginária e interseccionar cultura africana e identidade brasileira. Para isso, o ponto de partida foi a contextualização

histórica sobre o continente africano, a fim de valorizar as culturas próprias desse povo e, por meio dos rituais sagrados relacionados aos costumes e às tradições nigerianas e egípcias, debater suas relações com a identidade brasileira. Como produto final, os estudantes, utilizando diversas técnicas aprendidas, desenvolveram máscaras criativas e imaginativas com mais de 1,20 m.

A segunda galeria, denominada “da catarse mitral ao dualismo”, desenvolvido por Elenice Jeronima da Silva, foi desenvolvida com alunos dos 3º e 4º anos da Escola Municipal Professora Iracy Andrede, em Uberlândia, Minas Gerais, e teve o coração como objeto de representação: estudos, reflexões e impressões.

De caráter interdisciplinar, unindo Língua Portuguesa, Literatura, Ciências e Artes Visuais, essa galeria teve como objetivo trabalhar com os sentimentos eternizados na reconfiguração da forma coração, valorizando a função abstrata do órgão.

Todo o material produzido foi exposto na escola e publicado em um livro, onde as etapas do processo criativo, as poesias, as ilustrações e os objetos podem ser apreciados.

André Luiz Sabino

Editor-chefe